

MAZE RUNNER

A CURA MORTAL

JAMES DASHNER



MAZE RUNNER
A CURA MORTAL

MAZE RUNNER A CURA MORTAL

JAMES DASHNER

TRADUÇÃO: MAGDA LOPES



Editora: Flavia Lago

Assistente editorial: Natália Chagas Máximo

Preparação: Alessandra Miranda de Sá

Revisão: Laila Guilherme

Direção de arte: Paula Fernández

Diagramação: Linea Editora Ltda.

Capa: Marcelo Orsi Blanco

Título original: *The Death Cure*

© 2011 James Dashner

© 2012 Vergara & Riba Editoras S/A

www.vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Capital Federal, 263
CEP 01259-010 | Bairro Sumaré | São Paulo | SP
Tel. | Fax: [55 11] 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-388-8

Impressão e acabamento: Geográfica
Impresso no Brasil • Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James

Maze runner : A cura mortal / James Dashner, tradução Magda Lopes. – São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2012. – (Maze runner)

Título original: Maze runner : The Death Cure.

ISBN 978-85-7683-388-8

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título. II Série.

12-05875

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

*Este livro é dedicado à minha mãe –
o melhor ser humano que já existiu.*

1

Foi o cheiro que começou a enlouquecer Thomas pouco a pouco.

Não o fato de estar sozinho há mais de três semanas. Não mais as paredes, o teto e o chão brancos. Tampouco a ausência de janelas ou o fato de nunca apagarem as luzes. Nada disso. Haviam levado seu relógio e lhe davam para comer a mesmíssima refeição três vezes por dia - fatias grossas de presunto, purê de batatas, cenoura crua, unia fatia de pão e água. Jamais falavam com ele; jamais tinham permitido a presença de outra pessoa no quarto. Sem livros, sem filmes, sem jogos.

Isolamento completo, por mais de três semanas - embora começasse a duvidar da contagem do tempo, que se baseava puramente em seu instinto. Tentava adivinhar da melhor maneira possível quando a noite caía; certificava-se de dormir apenas o que achava ser o número normal de horas de sono. As refeições ajudavam, apesar de não parecerem vir regularmente. Como se o objetivo fosse mesmo deixá-lo desorientado.

Sozinho. Em uni quarto acolchoado desprovido de cor - as únicas exceções eram uni pequeno vaso sanitário de aço inoxidável, quase escondido num dos cantos, e uma velha escrivaninha de madeira para a qual Thomas não via uso. Só em meio a um silêncio insuportável, com tempo ilimitado para pensar sobre a doença enraizada dentro dele: o Fulgor, aquele vírus silencioso e rastejante que lentamente ia destruindo todas as características humanas.

Porém, nada disso o fazia enlouquecer.

Mas ele fedia, e, por alguma razão, isso o deixava com os nervos à flor da pele - o mau cheiro era algo que perfurava o sólido bloco da sanidade. Não haviam permitido que tomasse banho, nem de chuveiro nem de banheira; não haviam lhe dado sequer uma muda de roupa limpa desde que tinha chegado ali, ou qualquer coisa com a qual pudesse higienizar o corpo. Um simples trapo teria ajudado; podia mergulhá-lo na água que lhe davam para beber e limpar pelo menos o rosto. Mas não tinha nada, exceto as roupas, agora sujas, que vestia quando o haviam trancado ali. Não tinha sequer uni colchão e roupas de cama - dormia todo encolhido, o traseiro encostado num dos cantos do quarto, os braços enlaçados, tentando conseguir algum calor em si mesmo, muitas vezes tremendo.

Não sabia por que o fedor do próprio corpo era o que mais o apavorava. Talvez esse fato, eni si, fosse um sinal de que havia perdido o controle sobre ele. Por alguma razão, as más condições de higiene

pressionavam-lhe a mente, provocando pensamentos terríveis. Estava apodrecendo, decompondo-se; seu interior se tornava repugnante à mesma proporção que o exterior ficava frágil.

Era isso que o preocupava, por mais irracional que pudesse parecer. Recebia alimento e água suficiente para dissipar a sede; conseguia descansar bastante e se exercitava o máximo que podia naquele espaço limitado, com frequência correndo no mesmo lugar durante horas. A lógica lhe dizia que estar sujo não significava deterioração das funções do coração ou do pulmão. Mesmo assim, sua mente começava a acreditar que o incessante mau cheiro representava a iminência da morte, prestes a devorá-lo por inteiro.

Esses pensamentos sinistros, por sua vez, faziam-no ponderar que Teresa, afinal, talvez não houvesse mentido na última vez em que tinham se comunicado, quando dissera que era tarde demais para Thomas e insistira que ele havia sucumbido ao Fulgor com rapidez, enlouquecendo e tornando-se violento. Teresa lhe dissera que já havia perdido a sanidade antes de ir para aquele lugar horrível. Até Brenda tinha lhe advertido de que as coisas ficariam piores para ele. Talvez ambas estivessem certas.

E, além de tudo isso, ainda havia a preocupação com seus amigos. O que havia acontecido a eles? Onde estavam? Que estragos mentais o Fulgor já teria lhes causado? Depois de tudo a que haviam sido submetidos, era assim que a história terminava?

A raiva o invadiu, como um rato trêmulo que busca um lugar para se aquecer, unia migalha de comida. E, cada dia que passava, unia raiva crescente o assaltava, tão intensa que Thomas às vezes se surpreendia tremendo incontrolavelmente antes de poder dominá-la. Não queria que fosse embora para sempre; desejava apenas armazená-la e deixá-la crescer. Esperar pelo momento certo, o lugar adequado para liberá-la. O CRUEL fizera aquilo com ele. O CRUEL lhe tirara a vida, e a dos amigos, e os usava agora para qualquer propósito que julgasse necessário. Não importavam as consequências.

Mas pagariam por isso de alguma forma, jurava Thomas a si mesmo milhares de vezes ao dia.

Todas essas coisas passavam por sua mente quando se sentou, as costas contra a parede, encarando a porta - e a escrivaniinha de mau gosto diante dela -, no que supunha ser o final da manhã do seu vigésimo segundo dia como cativo no quarto branco. Sempre fazia isso após tomar o café da manhã e se exercitar. Esperava, contra todas as provas em contrário, que a porta se abrisse - na verdade, que se abrisse inteira, não apenas aquela diminuta abertura embaixo, através da qual passavam as refeições.

Já havia tentado incontáveis vezes abri-la à força. Também tinha

verificado as gavetas da escrivaninha: vazias; nada ali, exceto o cheiro de mofo e cedro. Checava-as todas as manhãs, só para conferir se algo não havia aparecido ali magicamente enquanto dormia. Não era incomum acontecer esse tipo de coisa quando se tratava do CRUEL.

Continuou a olhar fixamente para a porta. Esperando. Paredes brancas e silêncio. O odor do próprio corpo. Pensou nos amigos - Minho, Newt, Caçarola, os outros poucos Clareanos sobreviventes. Em Brenda e Jorge, que haviam sumido de vista depois do resgate do gigantesco Berg. Harriet e Sonya, as outras garotas do Grupo B, e Aris. De novo em Brenda, e na advertência que lhe fizera após ter acordado pela primeira vez no quarto branco. Como havia conseguido se comunicar telepaticamente com Thomas? Estaria ou não do lado dele?

Mas, sobretudo, pensava em Teresa. Não conseguia tirá-la da cabeça e a odiava um pouco mais a cada instante. Suas últimas palavras para ele haviam sido: o CRUEL é bom, e, bem ou mal, ela passara a simbolizar tudo de horrível que tinha lhe acontecido. Toda vez que pensava nela, a raiva fervilhava dentro dele.

Talvez a raiva fosse o último fio que o ligasse à sanidade durante aquela espera interminável.

Comer. Dormir. Exercitar-se. Sede de vingança. Foi essa a vida de Thomas durante mais três dias. Sozinho.

No vigésimo sexto dia, a porta se abriu.

2

Thomas imaginou inúmeras vezes aquilo acontecendo. O que faria, o que diria. Como se precipitaria e atacaria qualquer um que entrasse e sairia correndo para fugir dali. Mas esses pensamentos lhe ocorriam, mais que por qualquer outra coisa, quase por diversão. Sabia que o CRUEL não deixaria que algo assim acontecesse. Não; precisava planejar todos os detalhes antes de arriscar sequer um movimento.

Quando aquilo realmente aconteceu - quando a porta se abriu, com um ruído leve como um sopro, e começou a se escancarar -, Thomas ficou surpreso diante da própria reação: não fez absolutamente nada. Algo lhe dizia que uma barreira invisível havia surgido entre ele e a escritaninha - como acontecera após terem saído do Labirinto. O momento da ação não havia chegado. Não ainda.

Sentiu apenas uma ligeira surpresa à entrada do Homem-Rato - o sujeito que havia contado aos Clareanos sobre os Experimentos no Deserto, o último pelo qual tinham passado. O mesmo nariz comprido, os olhos semelhantes aos de uma doninha; aquele cabelo seboso, poucos fios penteados sobre uma careca evidente, que tomava metade de sua cabeça. E o mesmo terno branco ridículo. No entanto, parecia mais pálido que da última vez. Segurava uma grossa pasta repleta de papéis amassados e amontoados na dobra de um dos cotovelos, arrastando uma cadeira de encosto reto.

- Bom dia, Thomas - cumprimentou ele com um aceno formal da cabeça. Sem esperar resposta, fechou a porta, colocou a cadeira atrás da escritaninha e sentou. Colocou a pasta diante dele, abriu-a e passou a folhear as páginas. Quando encontrou a que buscava, parou e a pegou nas mãos. Em seguida, esboçou um sorriso patético, os olhos pousando vagorosamente sobre Thomas.

Só quando o garoto fez menção de se manifestar foi que se deu conta de que não o fazia havia semanas, e a voz surgiu como um grasnado:

- Só será um bom dia se me deixar sair daqui.

A expressão do homem não exibiu nem um vislumbre de movimentação.

- Sim, sim, eu sei. Não precisa se preocupar; hoje você vai ouvir novidades muito positivas. Confie em mim.

Thomas refletiu a respeito, envergonhado por deixar que o Homem-Rato despertasse suas esperanças, ainda que por um segundo. Àquela

altura, não deveria mais ser tão ingênuo.

- Notícias positivas? Não nos escolheram, afinal, porque achavam que fôssemos inteligentes?

O Homem-Rato permaneceu em silêncio por vários segundos antes de responder:

- Inteligentes, sim. Entre muitas outras razões importantes. - Fez uma pausa e estudou Thomas antes de continuar: - Acha que gostamos disso tudo? Por acaso pensa que nos divertimos vendo-os sofrer? Isso tudo aconteceu por um propósito, que logo fará sentido para você. - A intensidade de sua voz foi aumentando até praticamente gritar a última palavra, o rosto agora vermelho.

- Uau! - disse Thomas, sentindo-se corajoso pelo menos durante aquele minuto. - Esfrie a cabeça aí, meu velho.Você parece a três passos de um ataque cardíaco. - Sentiu-se bem ao deixar as palavras fluírem.

O homem se levantou da cadeira e se inclinou para a frente, sobre a escrivaninha. As veias do pescoço incharam como cordas tensas de um instrumento. Tornou a sentar-se lentamente e respirou fundo várias vezes.

- Seria de esperar que quase quatro semanas nesta caixa branca tornariam um garoto humilde. Mas você parece mais arrogante que nunca.

- Então vai me dizer que não estou louco? Que não tenho o Fulgor? Que nunca tive? -Thomas não conseguia se conter.A raiva crescia dentro dele, até que se sentiu prestes a explodir. Mas se obrigou a impor calma à voz. - Foi isso que me manteve são durante todo esse tempo. No fundo, sei que menti para Teresa, que este é apenas mais um de seus Experimentos. E então? Para onde eu vou agora? Vão me mandar para a mértila da Lua? Vão me obrigar a nadar no oceano só de cuecas? - Sorriu para enfatizar a ironia das palavras.

O Homens-Rato observava Thomas com olhos inexpressivos durante seu desvario.

- Acabou?

- Não, não acabei. - Havia dias e dias aguardara uma oportunidade para falar, mas, agora que ela havia surgido de fato, sua mente ficara vazia.Tinha esquecido de todos os cenários projetados na mente. - Quero... que me conte tudo. Agora.

- Oh, Thomas - falou o Homem-Rato com calma, como se fosse dar unia notícia triste a uma criança pequena. - Não mentimos sobre isso. Vocês têm o Fulgor.

Thomas se sentiu embaraçado; um calafrio cortou o ímpeto de sua raiva. Será que mesmo depois de tudo o Homem-Rato continuava a mentir?, ponderou. Mas deu de ombros, como se fosse indiferente àquela notícia.

- Bem, não comecei a enlouquecer ainda. -Até certo ponto, após

todo aquele tempo atravessando o Deserto, convivendo com Brenda e cercado por Cranks, conformara-se com o fato de que tivesse mesmo contraído o vírus. Mas se convencera de que por ora estava bem; estava são. E era isso o que importava.

O Homem-Rato deixou escapar um suspiro.

- Você não entende. Não entende o que vim aqui para lhe dizer.

- Por que deveria acreditar em unia só palavra que saísse de sua boca? Como pode esperar isso de mim?

Thomas percebeu que estava em pé, embora não tivesse lembrança de ter se levantado. Seu peito se agitou em inspirações pesadas. Precisava se controlar. O olhar do Homem-Rato era frio, os olhos semelhantes a dois poços negros. Não importava se o homem havia mentido ou não; Thomas sabia que teria de ouvi-lo se quisesse algum dia sair daquele quarto branco. Obrigou-se a se tranquilizar. E esperou.

Depois de vários segundos de silêncio, o visitante prosseguiu:

- Sei que mentimos para você. Muitas vezes. Fizemos coisas terríveis com você e seus amigos. Mas era tudo parte de um plano com o qual vocês não apenas concordaram, mas ajudaram a planejar. Tivemos de levá-lo um pouco mais adiante do que pretendíamos no início; não há dúvida sobre isso. Entretanto, tudo permaneceu em conformidade com o espírito do que os Criadores vislumbraram, do que vocês mesmos vislumbraram.

Thomas sacudiu a cabeça lentamente; lembrava-se de já ter um dia, de algum modo, se envolvido com aquelas pessoas; mas a ideia de fazer qualquer um passar pelo que tinha passado era inconcebível.

- Você não me respondeu. Como pode esperar que eu acredite em qualquer coisa que me diga? - Recordava de mais coisas do que deixava transparecer, é claro. Embora a janela para o passado estivesse embaçada de sujeira, revelando pouco mais que vislumbres enevoados, sabia que havia trabalhado com o CRUEL. Sabia que Teresa também o tinha feito e que haviam ajudado a criar o Labirinto. Além destes, existiam outros flashes de memória.

- Ora, Thomas, não há razão de mantê-lo no escuro - respondeu o Homem-Rato. - Não mais.

Thomas sentiu um repentino cansaço, como se todas as forças houvessem se esvaído de seu corpo. Deixou-se cair no chão com um profundo suspiro. Balançou a cabeça.

- Não sei o que está dizendo. - Qual era a razão de ter uma conversa se não se podia confiar nas palavras?

O Homem-Rato continuou falando, mas seu tom mudou; tornou-se menos objetivo e clínico, e mais professoral.

- Obviamente você tem consciência de que temos uma terrível

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

